

Homenagem a João Paisana na abertura oficial do Ano Lectivo de Filosofia de 2001/2002

Mafalda Blanc

No passado dia 14 de Outubro viu-se o Departamento de Filosofia subitamente confrontado com a chocante notícia do falecimento do Professor João Paisana. Não quis, por isso, deixar passar a ocasião da abertura oficial de mais um ano de actividade lectiva sem lhe prestar uma primeira homenagem, expressando o sentimento colectivo de profunda mágoa e gratidão por mais de trinta anos de dedicada e preciosa colaboração.

O serviço que vinha prestando como docente e investigador à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde aliás estudou e acabaria por se doutorar, o seu contributo inestimável para o desenvolvimento dos estudos filosóficos em Portugal fizeram com que o seu desaparecimento nos deixasse a todos – colegas, funcionários e estudantes – a braços com uma situação de vazio e de perda irreparáveis.

É que não foi apenas o filósofo rigoroso e empenhado, o promotor incansável da Fenomenologia e das Filosofias existencial e hermenêutica que nos faltou, – méritos que lhe eram reconhecidos pelas suas funções como presidente da Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica, director da revista “Phainomenon” do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e coordenador do Mestrado em Fenomenologia e Hermenêutica – foi também o homem, camarada e amigo incondicional, que a todos acolhia sem favor ou distinção, e gratificava com atenção e generosidade ilimitadas.

O que ficou por cumprir na sua carreira de pensador e de que muito havia, justificadamente, que esperar – João Paisana vinha já há algum tempo preparando uma obra nos domínios da filosofia da comunicação e da ética –, assim como o diálogo, agora cruelmente interrompido, que vinha mantendo, de um modo ou de outro, com todos os que sentia empenhados numa comum vocação de pensar obrigam a que hoje, em uníssonos com toda a comunidade filosófica portuguesa, nos sintamos um pouco mais pobres, desamparados e órfãos na tarefa que é a nossa, como Departamento de Filosofia, de passar testemunho às novas gerações, prossequindo o mesmo intento de exigente reflexão e questionação.

Que me seja permitido evocar, ainda que a breve trecho e na minha qualidade de colega, ex-aluna e amiga, o perfil do pensador, pedagogo e filantropo, que foi, para lá de tudo, João Paisana.

Se o interesse teórico, a exigência de uma cabal clarificação da experiência cognitiva o levaram da ciência à filosofia, foi no contacto com a obra de Husserl, nos seus anos de estudante em Lovaina, que acabaria por colher a orientação decisiva

do seu pensar, já no que diz respeito ao entendimento da natureza e método da própria filosofia.

Na verdade, num primeiro momento, a fenomenologia explicitativa de Husserl fornecer-lhe-ia, com o primado reflexivo do *cogito* intencional e o seu método intuitivo e descritivo de abordagem da experiência pré-predicativa, não só alternativa credível a todo o tipo de naturalismo, como um instrumento de investigação promissor, mais consentâneo com a natureza da filosofia que o construtivismo lógico da filosofia post-kantiana.

De regresso a Lisboa, na sua passagem como estudante pela Faculdade de Letras, deu-se certamente João Paisana conta, em contacto com o Kantismo e o Idealismo alemão, do primado do “eu” prático e histórico sobre o sujeito cognitivo, preparando-se desse modo para a recepção calorosa das teses de “Ser e Tempo” de Heidegger e sua adopção, de preferência ao idealismo gnoseológico de Husserl.

O confronto entre as duas fenomenologias – a explicitativa, de Husserl, e a hermenêutica, de Heidegger – constitui o tema do seu Doutoramento, publicado em 1992 sob o título “Fenomenologia e Hermenêutica”, que viria a tornar-se referência obrigatória para todo o investigador do sector.

A estrutura *enquanto que* (Als-Struktur) hermenêutica, de carácter pré-objectivo, relevada por Heidegger como constitutiva do significar originário da *existência* (Existenz) e fundamento da verdade predicativa, afigura-se, doravante, a Paisana como o verdadeiro ponto de Arquimedes da filosofia, o núcleo originário de elaboração discursiva de toda a genuína compreensão do ser, a que deve reportar-se toda a análise ontológica. Determina-se então esta, não já como uma investigação formal ou categorial das estruturas constitutivas do objecto em geral, à maneira de Husserl ou de Hartmann, mas como uma elucidação do sentido modal e temporal do *próprio ser* (Sein selbst), para que acaba por remeter toda a fenomenalidade.

Na linha da *Ontologia fundamental* (Fundamentale Ontologie) do primeiro Heidegger, designadamente dos “Grundprobleme der Phänomenologie”, compreende então Paisana a fenomenologia, enquanto método da Ontologia, como uma *exegese* do *sentido do ser* (Sinn des Seins), levada a cabo através de três procedimentos essenciais: a *redução* (Reduktion) do ente ao ser, a *destruição* (Destruktion) da tradição, e a *construção* (Konstruktion) de possíveis modos de ser-no-mundo.

Um tal entendimento do filosofar como tarefa hermenêutica de construção histórica e comunitária da verdade marca o essencial da orientação filosófica posterior do pensador, numa linha que, apesar da matriz heideggeriana, não deixará de integrar com pertinência as contribuições de um Gadamer, Habermas, Apel ou Austin para a compreensão das dimensões comunicativa, social e histórica do significar. É o que os estudos reunidos no livro “História da Filosofia e Tradição Filosófica”, de 1993, e o artigo “Experiência e Comunicação”, de 2000, nos permitem verificar em profundidade – aquele último constituindo, com clareza e rigor exemplares, uma súpula de toda a sua reflexão.

Um suposto, jamais contestado, rege e norteia, a nosso ver, a filosofia de João Paisana. Trata-se do primado do questionar, entendido como abertura de possibilidades no mundo histórico, sobre todo o modo ôntico de ser-no-mundo, em que o homem se encontre lançado e pelo qual seja determinado. Tal primazia do *possível* sobre o real e o dado, pela qual o ser-aí existente não tem um modo de ser ôntico fundante, nem a Ontologia um objecto material, funda-se na orientação futurizante da temporalidade humana, que inclui, na tensão para o nada que a caracteriza como poder-ser finito, qualquer modo possível de significar a existência.

Desta forma, apesar de já sempre ter respondido existencialmente à questão do sentido do seu ser pela via da tradição em que se encontra e que já sempre o

sobredetermina a uma compreensão pré-ontológica, não deixa o homem, por isso, individual e colectivamente, de ter o poder e o dever de proceder ao exame crítico do valor de verdade de tal *resposta*, interpretando-a, à luz do questionar, como uma possibilidade fáctica de existir entre outras, cuja pretensão à verdade e preferencialidade requer adequada legitimação, através do confronto e livre discussão com outras concepções do mundo igualmente válidas.

O artigo, acima citado, da revista "Phainomenon" dá-nos conta da crescente proximidade de Paisana às teses da hermenêutica crítica e comunicacional de J. Habermas, a sua adesão a um conceito de racionalidade comunicacional, assente na discussão e argumentação, como condição de uma sociedade livre, emancipada e baseada em relações de simetria e paridade.

A pedagogia de João Paisana, o seu modo de estar na vida e na Academia decorrem desta sua filosofia, animada por um ideal de transparência e de comunicação ilimitadas. A sua convicção no poder auto-reflexivo e crítico da linguagem, assim como no seu potencial de consensualidade, enquanto esquema e jogo de interacção social, levava-o a privilegiar, em qualquer situação, o diálogo e a discussão, preferindo, à transmissão sempre impositiva de conteúdos, o *direito à questão* e a troca de perspectivas numa partilhada exigência de explicitação e de fundamentação.

No quadro que traçámos e em que prepondera um ideal autonómico de reflexividade integral, não há lugar para a atestação de uma Verdade transcendente, anterior às iniciativas por que a consciência se lança na projecção e construção do sentido. É que nada, a ver do nosso pensador, deve anteceder a liberdade, nem mesmo a facticidade, por que o homem já sempre se encontra entregue à tarefa de se pôr e fazer como *humanidade*.

Face a um tal idealismo, de matriz sartriana, compreende-se que Paisana não pudesse acolher favoravelmente a inflexão da Fenomenologia no sentido de uma Ontologia ou até mesmo de uma Filosofia Primeira, para que apontam os trabalhos de um Heidegger e do último Merleau-Ponty. Com efeito, à sua luz já não se afirma o *ser* passível de uma abordagem voluntarista e construtivista, antes se dando a pensar numa insigne experiência de afecção e destinação que, indo ao encontro de cada um, o leva até onde pode ir na sua relação com a verdade. Para Paisana, porém, é sempre o homem que, intersubjectivamente embora, estatui as condições do aparecer, numa certa lógica produtiva da verdade, que tem no horizonte ocultante-désocultante da tradição a instância mediadora do seu próprio constituir significativo.

Quaisquer que fossem, no entanto, as posições que sustentasse na abordagem dos temas e questões da filosofia, a exemplaridade da forma com que sempre protagonizava o pensar numa postura de exigência e rigor, a sua abertura ao diálogo e prontidão para acolher quem o solicitasse, aliadas a uma gentileza e cavalheirismo sem par, fazem com que hoje lamentemos, na perda do filósofo promissor, a do colega, professor e amigo insubstituíveis.

